

# Terra da Gente

CONHECER E CONSERVAR PARA COMPARTILHAR A VIDA

## JENIPAPO

É para pintar, comer, tomar como remédio, e ainda dá um ótimo licor



## AVES DA MATA ATLÂNTICA

Todas as cores são estratégias para seduzir

## VAGA-LUMES

O inseto pisca-pisca gera biotecnologias e vira até atração turística



## Para que serve a BIODIVERSIDADE?

O Brasil é um dos países mais ricos do mundo em diversidade biológica. E daí? O que isso tem a ver com a sua vida?





## Os invertebrados terrestres ainda precisam ser melhor es-

# A

jararaca não levou milhares de anos desenvolvendo um veneno poderoso para reverter a hipertensão em corações humanos. O veneno da serpente simplesmente evoluiu no sentido de tornar mais eficiente a caça aos roedores, suas presas habituais. No entanto, alguns homens notaram os efeitos de diferentes substâncias ali contidas e transformaram o veneno num medicamento. O mesmo aconteceu com o veneno da lagarta *Lonomia obliqua*: embora o inseto o tenha desenvolvido como defesa

contra predadores, em sua fase de larva, pesquisadores do Butantan e do Instituto Vital Brasil, de São Paulo, isolaram uma proteína anticoagulante com potencial uso para prevenir doenças de coração e circulação nos casos de entupimento de veias.

Do mesmo modo, a árvore de copaíba não produz seu óleo aromático para livrar humanos de problemas respiratórios. Provavelmente o óleo é uma defesa da planta contra ataques de fungos e parasitas, abundantes nas florestas Amazônica e Atlântica. Mas alguns indígenas e ribeirinhos perceberam a utilidade

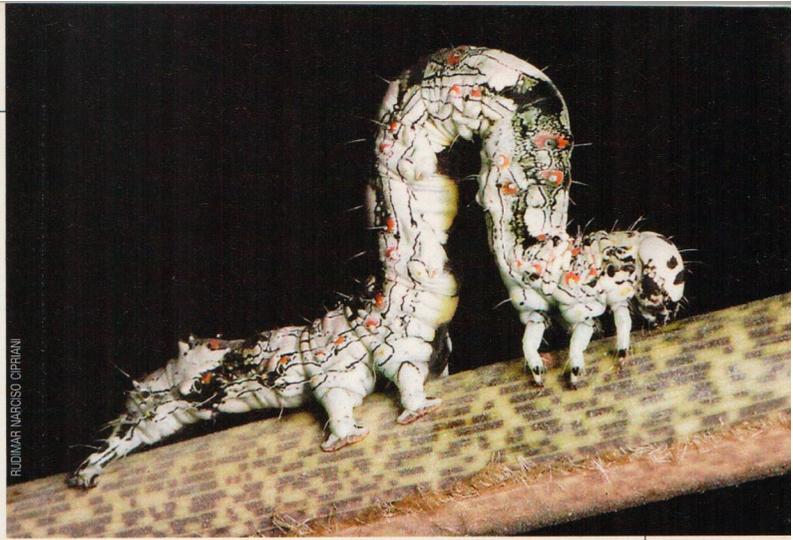
## O descobrimento da biodiversidade

por EVARISTO E. DE MIRANDA

*O povoamento da América do Sul, há pelo menos 20 mil anos, coincidiu com o desaparecimento de muitas espécies, principalmente de mamíferos. Durante milênios, os caçadores coletores usaram o fogo, a caça sistemática e a exploração diferenciada da vegetação. Eles transformaram florestas, cerrados e ambientes costeiros, alteraram a biodiversidade, favorecendo espécies de seu interesse e prejudicando outras. A he-*



DU ZIPPANI



RUDIMAR NARCISO CIPRIANI



RUDIMAR NARCISO CIPRIANI

## tudados. Das 130 espécies ameaçadas, 42% são borboletas

catombe e a extinção maciça de espécies animais há 10 mil anos é de assustar.

Os primeiros estudiosos da biodiversidade brasileira foram esses caçadores coletores e os indígenas. Eles nomeavam as espécies, mas não registravam. Não sabiam escrever. Alguns desenhavam. Os segundos, nesse labor, foram os povoadores portugueses: padres jesuítas, religiosos e alguns leigos. A partir do século XVI, pela primeira vez, eles registraram tudo por escrito, sistematicamente. Seguindo regras. Reunindo fatos, observações e refletindo. Foram milhares de páginas, pouco divulgadas.

Eles fizeram do português uma arca de Noé, onde os nomes indíge-

nas de plantas e animais foram salvos no dilúvio da aculturação. Através de regras fonéticas seguras e replicáveis, os nomes da biodiversidade saíram do Neolítico e foram acolhidos nos campos da escrita.

Além disso, eles formularam hipóteses para explicar a origem dessa biodiversidade. Afirmaram que ela surgiu por aqui mesmo, bem depois do dilúvio. Separaram o conceito de origem (Deus) do de criação (natureza). Jesuítas como José de Anchieta, Manoel da Nóbrega, Cristóvão Acuña e Fernão Cardim acreditavam que a vida podia surgir da matéria mineral e mais, que uma espécie podia se transformar em outra por heterogonia. Defendiam os direitos dos animais e a sacralidade da natu-

reza. Desenvolveram uma biologia pré-lineana e pré-darwiniana, ousada e científica, ainda útil em tempos de obscurantismo criacionista.

Defender e estudar a biodiversidade, quanto esta era uma verdadeira bioadversidade, foi um dos méritos de toda uma série de personagens históricos do Brasil dos séculos XVI e XVII. Eles inauguraram uma das mais antigas tradições nacionais: a da defesa e compreensão do meio ambiente.

Evaristo E. de Miranda, pesquisador da Embrapa Monitoramento por Satélite é autor do livro *O Descobrimto da Biodiversidade – A ecologia de índios, jesuítas e leigos no século XVI*, Ed. Loyola.